



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio-out. 2017
p. 215-235.

O que podem fazer duas vulvas? - *Sexo feminino, gênero lésbico*¹

Daniela Conegatti²

Jane Felipe³

RESUMO: O presente artigo expõe parte dos resultados de uma pesquisa sobre lesbianidades no *tumblr*. O corpus de análise foi páginas de mulheres lésbicas que, por meio de imagens compartilhadas em seus *tumblrs*, acusaram interesse no tema. O *tumblr* abordado neste artigo priorizou o sexo lésbico e, a partir deste, emergiram problematizações sobre gênero, sexo e sexualidade. O referencial teórico-metodológico compreendeu estudos da Cultura Visual e elementos da desconstrução com base em Derrida (2002), assim como teorizações de Judith Butler (2000; 2003; 2013) e Paul B. Preciado (2002; 2008)..

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexo; Lesbianidades; Imagem.

Abstract: This article presents part of the results of a research about lesbianism on *tumblr*. The corpus of analysis was pages of lesbian women that showed interest in the topic through images shared in their *tumblrs*. The *tumblr* discussed in this article prioritized lesbian sex and from this emerged thoughts on gender, sex and sexuality. The theoretical framework comprised studies of Visual Culture and elements of deconstruction based on Derrida (2002), as well as on the theories of Judith Butler (2000; 2003; 2013) and Paul B. Preciado (2002; 2008).

Keywords: Gender; Sex; Lesbianism; Image.

Resumén: Este artículo presenta parte de los resultados de una investigación sobre lesbianidades en *tumblr*. El corpus de análisis fueron las mujeres lesbianas de páginas a través de las imágenes compartidas en sus *tumblrs* pagan interés en el tema. El *tumblr* discutido en este artículo prioridad sexo lésbico, y desde este surgió problematizaciones sobre el género, el sexo y la sexualidad. Los estudios de marco teórico compuestos de la cultura visual y la desconstrucción de elementos basados en Derrida (2002), así como las teorías de Judith Butler (2000; 2003; 2013) y Paul B. Preciado (2002; 2008).

Palabras clave: Género; el sexo; Lesbianidades; Imagen

¹ O título é uma provocação que intencionalmente será explicada apenas ao final do artigo, contudo pistas deste jogo de palavras vão sendo dadas no decorrer da leitura. Com esta nota, buscamos deixar claro que sabemos que o sexo não é feminino nem o gênero é lésbico, mas avisamos que assim estão definidos aqui propositalmente, no intuito de desestabilizar algumas “certezas” do campo.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: daniconnegatti@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora pela mesma universidade (2000), e pós-doutora pela Universidad de Barcelona (bolsa CAPES - abril/2009 a fevereiro/2010). E-mail: janefelipe.souza@gmail.com

Recebido em 03/03/17

Aceito em 01/05/17

1. Introdução

Apesar de os movimentos LGBTQ e feministas trazerem a pauta da sexualidade para as ruas, academia e até mesmo para as mídias há mais de trinta anos, ainda hoje assumir-se homossexual pode tornar o indivíduo alvo de discriminações e violências físicas e psicológicas. Contudo, a heterossexualidade compulsória obriga que muitas/os homossexuais vivam parcialmente assumidas/os e isso faz com que algumas/uns encontrem apenas em determinados lugares a possibilidade de viver sua homossexualidade. Dentre esses lugares, identificamos o *tumblr*⁴, que consiste em uma mídia social definida como uma mistura de blog com twitter. Nele, a/o usuária/o cria uma página e um perfil nos quais posta informações pessoais, *rebloga* conteúdos que percebe como interessantes e produz seus próprios conteúdos.

Essa tem sido uma estratégia de usuárias do *tumblr*. Uma rápida busca pela palavra lésbica no acervo deste site traz à tona inúmeras páginas dedicadas à lesbianidade, principalmente através de imagens, recurso mais compartilhado na plataforma. Nessas páginas, usuárias postam fotos de casais lésbicos, mulheres nuas/seminuas, famílias homoafetivas e uma série de referências à cultura lésbica que, muitas vezes, são compartilhadas de outras páginas do *tumblr* seguidas por essas usuárias. Atentas para esses fenômenos, tivemos particular interesse em como essas usuárias se dizem/mostram-se lésbicas na referida plataforma.

O questionamento que mobilizou a pesquisa foi: entendendo os *tumblrs* como artefatos culturais e, portanto, como produtores de pedagogias de gênero e de sexualidade, como se constituem as lesbianidades nas páginas selecionadas? Tal questionamento suscitou alguns desdobramentos, entre eles como abordar as lesbianidades a partir de uma perspectiva que possibilite discussões não apenas sobre sexualidade mas também sobre gênero? Além disso, as imagens, por trazerem o sexo explícito, nos convocaram a pensar sobre a intersecção entre pornografia, lesbianidade e sexo, para poder problematizar os limites desse último. As reflexões realizadas no presente artigo abarcam essas questões, em especial os discursos que instituem o sexo enquanto definidor do gênero (genitália) e do ato sexual.

Dito isso, o presente artigo é constituído por alguns resultados de uma pesquisa sobre a utilização do *tumblr* por usuárias que demonstraram interesse nas lesbianidades. Por meio da

⁴ <http://www.tumblr.com>



análise das imagens postadas em *love-my-girlfriend*, *n-surte-sorria*, *lovee-fuck-you* e *butchlife*, discutimos os modos de produção e constituição de tal sexualidade nessa plataforma.

Importa ressaltar que neste artigo priorizou-se o conteúdo postado pela página *lovee-fuck-you*, por ser a que mais demonstrou interesse em conteúdos voltados para o ato sexual. O material coletado compreendeu o período de agosto a outubro de 2014.

2. O *tumblr* em análise

As páginas do *tumblr* estão disponíveis e podem ser visualizadas por quaisquer internautas. Classificá-lo como uma mídia social é o mais coerente, pois ele agrega funcionalidades de um blog tradicional e de uma rede social, permitindo que pessoas sigam/sejam seguidas, compartilhem *posts* de outros *tumblrs* e enviem mensagens entre si, além de outras funcionalidades. Em termos de visual, o *tumblr* pode desorientar uma pessoa que não esteja familiarizada com o seu funcionamento. Alguns formatos de composição das páginas que estão disponíveis para a/o usuário/a são estranhas e dificultam a aproximação de alguém que esteja acostumado apenas com blogs mais tradicionais.

Para quem consegue se adaptar, as possibilidades são inúmeras, de acordo com os interesses e com a criatividade da/o usuária/o. Assim surgem páginas como as analisadas nesta pesquisa, dedicadas a compartilhar conteúdos quase que exclusivamente lésbicos, em sua maioria constituídos de imagens. Basicamente, essas páginas dedicaram quase que a totalidade de seus *posts* à lesbianidade, através de imagens de casais lésbicos oriundos de séries, filmes, ou mesmo da vida cotidiana, fotografias de mulheres lésbicas famosas, e até mesmo imagens de mulheres nuas e em ato sexual com outra(s) mulher(es).

A partir desses conteúdos compartilhados, identificamos discursos de gênero e sexualidade, os quais nos proporcionaram problematizar a lesbianidade enquanto construto histórico-social-cultural. A relevância de tal análise está na própria constituição do *tumblr* enquanto ferramenta de expressão pessoal, possibilitando que meninas e/ou mulheres – e até mesmo homens identificados como mulheres no *tumblr* – expressem suas opiniões, gostos, sensações, sentimentos e com isso contribuam para a manutenção ou para a quebra de paradigmas heterossexuais e, porque não, homossexuais. Contudo, antes de abordar diretamente os conteúdos selecionados para as análises, importa dedicar os próximos parágrafos aos modos teórico-metodológicos de olhar para o *tumblr*.



Construímos o referencial teórico-metodológico anteriormente e concomitantemente ao surgimento dos dados e das análises, o que possibilitou a adaptação e a revisão sempre que necessário. Além disso, esse formato de trabalho exige o estudo de várias fontes teórico-metodológicas, que são aplicadas e adaptadas conforme o objeto a ser analisado e podem sofrer mutações e, a partir disso, possibilitar a criação de novas ferramentas teórico-metodológicas. Além disso, é assumimos que, na posição de pesquisadoras, somos/estamos subjetivadas, e que esse processo é fundamental no estudo de fenômenos sócio-histórico-culturais, como a web.

Importa ressaltar que o *tumblr* foi compreendido como um artefato cultural com potencial para ensinar. Tal perspectiva tem base no conceito de pedagogias culturais, que defende que os artefatos culturais produzem modos de ensinar e possibilidades de aprender, por isso são pedagógicos (PARAÍSO, 2012). Nesse sentido, surge a necessidade de tornar exposto e problematizar o currículo que esses artefatos apresentam. No caso do presente artigo, assumimos que o *tumblr* (re)constitui e (re)constrói pedagogias culturais, modos de ser/estar lésbica, constituindo modos de subjetivação, conceituados por Nikolas Rose (2001:36) como “práticas e processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de certo tipo”. Identificar e descrever as possibilidades que acionaram os discursos presentes nas páginas analisadas, além de problematizar tais discursos, foi o grande desafio da pesquisa que deu origem a este artigo.

As páginas analisadas e discutidas neste artigo foram selecionadas a partir dos mecanismos de busca que o *tumblr* proporciona. Os primeiros foram acessados por meio da busca de palavras-chave, como “lesbianidade”, “lésbica”, “homossexualidade feminina” e, posteriormente, tais páginas nos levaram a outras tantas. A opção pelas citadas aqui deu-se por critérios como a regularidade das postagens, a total ou quase total dedicação ao tema, a identificação como brasileira e como mulher lésbica pela usuária na sua página. Em relação à possibilidade de acesso e utilização das imagens das páginas, cabe ressaltar que o conteúdo do *tumblr* está disponível para reprodução e acesso de quaisquer utilizadoras/es da *web*, sem a necessidade de estar cadastrada/o na mídia social, e as identidades das usuárias das páginas foram preservadas.

Assumindo que uma das características mais forte dos *tumblrs* é a presença massiva de imagens, muitas vezes destituídas de qualquer texto escrito, cabe refletir especificamente sobre como investigá-las enquanto fontes de discursos sobre as lesbianidades.

Para os estudos de imagens, Rosa Fischer (2002) resalta um aspecto importante. A autora



destaca a necessidade de se compreender que das imagens não emergem representações, mas sim discursos, possibilidades, e que esse processo é contínuo e permanece inacabado. Dessa forma, não encontramos representações de mulheres lésbicas, mas sim enunciados, indícios, pistas de lesbianidades constituídas na relação entre gênero, sexo, sexualidade e corpo. Como nos *tumblr*s as imagens eram destituídas de som e em geral de palavras, surgiu o desafio de como reconhecer tais discursos sem os referidos recursos de leitura/compreensão.

Em concordância com tal perspectiva, surge o desafio de pensar em operar com possibilidades, ao invés de determinismos. Para Fischer (2002), as visibilidades da imagem emergem de um trabalho árduo que consiste em abri-la, “rachá-la”, pois é a partir de tal esforço que vamos conseguir extrair enunciados que de nenhuma forma estão escamoteados, mas que também não estão tão evidentes, por isso mesmo constituem discursos que, por vezes tomamos como verdades absolutas, nem paramos para pensar.

Os estudos da cultura visual, com enfoque nas experiências e usos sociais do universo visual - incluindo quaisquer produções culturais e midiáticas em seu repertório de análise - também auxiliaram na construção teórico-metodológica. Susana Cunha (2005, p.29) cita Nicholas Mirzoeff para explicar que a cultura visual “explora as ambivalências, os interstícios e lugares de resistência da vida cotidiana pós-moderna, buscando formas de trabalhar com as informações visuais desta nova realidade”. A autora ressalta a diferença entre o universo visual, isto é, as coisas que vemos, e a visualização, sendo essa constituída pelas tecnologias da visão e os modos de ver. Ela explica que tais estudos analisam o processo de subjetivação das/os sujeitas/os a partir desses dois âmbitos, processos que as/os constituem através da (re)produção, circulação e negociação de significados em uma determinada cultura. Para Fernando Hernández (2007)⁵, também estudioso da cultura visual, a importância não está no significado das imagens em si, mas sim em como elas significam. Para que esse processo torne-se exposto, é preciso desconstruí-las.

Nesse sentido, mostrou-se pertinente focar em uma estratégia descritivo⁶-analítica desestabilizadora de saberes e verdades. O processo de descrever e problematizar as relações de poder impulsionadoras dos discursos presentes nos *tumblr*s, bem como as articulações ou conflitos desses discursos com outros, foi imperativo para as análises empreendidas neste artigo. Para tanto,

⁵ O autor disserta sobre a investigação da cultura visual no processo de educação em sala de aula, mas acredito que algumas de suas contribuições também ajudam a pensar outros tipos de investigações.

⁶ Como observa Paraíso (2012, p.38) “somente descrevendo, e em detalhe, podemos compreender o que somos, o que fizemos de nós [...]. Enfim, só descrevendo, e em detalhe, podemos encontrar estratégias para nos transformarmos em alguém diferente do que nos fizeram ser”.



princípios da desconstrução, de Jacques Derrida (2002), foram empregados. Um aspecto importante para tal processo foi a exposição de oposições, binarismos e dualidades marcadas por uma lógica hierárquica pois, conforme coloca Jonathan Culler (1999:122):

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de *desconstrução* que busca desmantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes.

Os binarismos, apesar de parecerem funcionar numa lógica de exclusão – isto é, em que um elemento vai ser o que o outro não é –, são interdependentes, um é necessário para um a existência do outro. Por isso, empregamos aqui uma visão relacional, como explica Louro (2004b:43)

Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural.

No processo de desconstrução, o entendimento do conceito de diferença se faz necessário. Derrida (2002) questiona a noção de centro constituinte de uma estrutura, pensado no estruturalismo. Para tanto, o autor expõe a inexistência de um centro – isto é, de um significado central, e aqui podemos pensar em um discurso com valor de verdade, ou mesmo em algo considerado “normal” – sem uma diferença. Nesse sentido, se há um centro, esse só pode se dar em sua relação com as margens, com aquilo que não pode ser considerado centro naquele contexto, isto é, a diferença.

Ademais, evidenciamos que todo o processo de leitura e análise das imagens se deu através da linguagem, ela esteve sempre interposta em nosso trabalho, e é a ela que recorreremos para expor a/ao leitor/a tais observações. Assumir o caráter linguístico das visualidades é essencial para expor o olhar sobre essas não como algo natural e inato, mas como um processo de (re)educação e (re)constituição que não escapa de algo também culturalmente (re)constituído, que é a linguagem. Dessa forma, operamos em conformidade com a perspectiva de Butler (2013), ao assumir que a linguagem constitui o que somos, nosso gênero, nosso sexo, nossa sexualidade, que tudo (re)significa através da linguagem, e é nela que encontramos a possibilidade de expor e problematizar padrões, normas e discursos com valor de verdade.



A partir dessas considerações buscamos delimitar de que forma se deu nosso olhar sobre as imagens dos *tumblrs* analisados. Nos escritos a seguir, as imagens foram o foco, assim como as problematizações e reflexões que elas nos permitiram operar, com enfoque na intersecção entre sexo, pornografia e lesbianidades.

3. Sexo, pornografia e lesbianidades

O sexo explícito⁷ obteve destaque no *tumblr* “*lovee-fuck-you*”, sendo o tema principal de 85 das 410 postagens realizadas nessa página no período de observação e coleta de material.

Foucault (1998), em sua análise da sociedade vitoriana, entende o sexo como algo gerido, justamente por seu teor secreto, perigoso, privado, que incitou/incita a fala. Seja nas ciências da saúde, seja nas escolas, nas famílias, nas instituições jurídicas, o sexo aparecia como motivo de preocupação e, portanto, de produção de conhecimento.

Na atualidade não parece ser diferente, pois ainda se fala (e muito) de sexo nos mais diversos produtos midiáticos e na web. Em 2014, a versão on-line da revista *VIP*⁸ publicou que 12% dos sites que existem na internet são pornográficos, algo em torno de 76,2 milhões. Certamente em 2016 os números já não são os mesmos – esta é uma característica das estatísticas da web, elas variam diariamente –, mas os dados da *VIP* ajudam a perceber a dimensão que tem a pornografia em um ambiente como esse.

Quando abrimos as possibilidades para incluir quaisquer conteúdos que falem de sexo na internet, os números aumentam muito. Paula Sibília (2008) refere-se a esse fenômeno em seus escritos sobre diários íntimos na internet. Cita o exemplo de Bruna Surfistinha, uma garota de programa que mantinha um blog bastante famoso no qual contava suas aventuras sexuais. Para além disso, nos dias atuais parece haver um número cada vez maior de vídeos e fotografias caseiras de *sexting*⁹, ou simplesmente de pessoas que gostam de se exibir em sites de transmissão de vídeo. Os *tumblrs* não estão fora dessa tendência.

⁷ Sexo explícito deve ser entendido aqui como quaisquer imagens em que o ato sexual esteja acontecendo, inclusive naquelas do indivíduo consigo mesmo. Genitálias expostas também serão consideradas sexo explícito.

⁸ Disponível em: <http://vip.abril.com.br/12-estatisticas-sobre-pornografia-na-internet-que-vao-te-surpreender/> Acesso em: 24.02.2015

⁹ Junção das palavras inglesas *sex* e *texting*, significa o ato de trocar imagens, textos ou vídeos íntimos com outra pessoa.



É preciso assumir, contudo, que a categoria sexo pode englobar muitas possibilidades quando o assunto é conteúdo disponibilizado na web. Dessa forma, cabe refletir sobre uma dessas que mostrou-se essencial para entender o lugar do sexo em "lovee-fuck-you": a pornografia.

3.1 Pornografia e sexo

Entendemos a pornografia como produtora de discursos sobre os sexos, os gêneros e as sexualidades. A simples captação ótica e mecânica da realidade - sem áudio -, quando se fez possível no século XIX, já passou a ser mais uma produtora de falas sobre o sexo. Nuno Abreu (2012) traz como exemplo os *stag films*, que tinham como público exclusivo os homens e que consistiam muitas vezes em cenas de sexo explícito sem preocupações com história. Nesses, *ménages* com duas mulheres e um homem eram bastante comuns, trazendo os primeiros registros visuais de interação sexual entre duas mulheres, sempre visando o prazer masculino¹⁰.

Nas salas de cinema brasileiras, a tarja que acompanhava os filmes considerados impróprios dizia: “proibido rigorosamente para menores e senhoritas”, delimitando a qual público aquelas películas eram destinadas. O autor também explica que esses filmes tinham teor pedagógico, pois faziam com que homens pudessem explorar visualmente o corpo feminino, o corpo masculino e o sexo em si (ABREU, 2012).

A pornografia discutida por Nuno Abreu (2012) se restringe à pornografia *malestream*¹¹, típica dos filmes comercializados em salas de cinema, VHS e, posteriormente, DVD. Contudo, nossa intenção é também pensar a pornografia para além desses produtos. Assim, cabe indagar: o que torna uma imagem pornográfica?

Parece fácil discriminar o que é pornográfico do que não é. Utilizamos a palavra “pornografia” para indicar conteúdo de sexo explícito mas, também, para nomear imagens de mulheres (semi) nuas na revista Playboy, filmes e vídeos eróticos. Outra possibilidade é sua forma pejorativa, que pode servir de exclamação para quando algum produto cultural que tenha como característica o corpo nu nos ofende ou escandaliza.

¹⁰ Um dos *stag films* encontrado na web traz inclusive a utilização de um dildo no sexo entre duas mulheres. O acessório busca tomar o lugar do pênis, sendo simulado, inclusive, o saco escrotal, como é possível ver nos fragmentos. O homem, assim, se fazia presente na figura do dildo. Disponível em: <https://archive.org/details/1940sFrenchStagFilmWhippingSpankingFetish>. Acesso em: 19.02.2015.

¹¹ Termo alternativo ao *mainstream*, para explicitar que este tipo de material tem como referência o homem (*male*).



Abreu (2012, p. 21) busca a origem da palavra pornografia e indica seu significado primeiro como “escritos sobre prostitutas”. Sua relação com o sexo e com o ilícito, portanto, se dá desde o seu surgimento. Na versão *on-line* de um dicionário brasileiro conhecido¹², e na versão impressa de outro¹³, seu significado é associado a obsceno. Abreu (*ibidem*) também percebe tal relação e busca as origens dessa palavra, remetendo-a a *scena*, que literalmente significa “fora de cena”, isto é, algo que não faz parte do cotidiano, que não está (e não deve estar) à mostra. Portanto, o obsceno vai ser justamente aquilo que se coloca na cena, mas que não deveria estar. Aqui, sua relação com a pornografia torna-se clara. Ganha o rótulo de pornográfico a exposição de algo que não deveria estar à mostra no cotidiano, que é interdito no espaço comum.

Imagens de sexo explícito no *tumblr* ganham, então, caráter pornográfico. Não só pelo seu conteúdo ser o sexo e ele estar explícito, mas principalmente porque expõem o que ali não deveria estar, já que o corpo, o sexo e a sexualidade sempre foram vistos como “da ordem do privado” (HOOKS, 2000; LOURO, 2008, 1997; WEEKS, 1989; BRITZMAN, 1996).

Possivelmente, muitas das imagens compartilhadas por “*lovee-fuck-you*” e que mostram sexo explícito advém de filmes pornográficos *malestream*, uma vez que o conteúdo das imagens é repleto de sexo explícito com foco principalmente nas genitálias, performances exageradas e mulheres depiladas, magras e brancas, constituídas a partir de um padrão heteronormativo de beleza e feminilidade. Contudo, algumas imagens escapam a essa suposição, pois trazem meninas vestidas com roupas que não correspondem àquelas presentes na pornografia, ângulos de câmera e mesmo qualidade de captação características de uma produção caseira.

Pensando em algumas imagens dos *tumblrs* como pornográficas, devido ao seu conteúdo, e como deslocadas do lugar socialmente destinado à pornografia - isto é, locadoras, *sites xxx*¹⁴, canais por assinatura, etc. - o próximo passo foi fazer emergir os discursos e possibilidades dos recortes analisados e desse deslocamento. Para tanto, contrapor tais imagens com escritos sobre a pornografia *malestream* mostrou-se potente porque essa traz discursos sobre sexo, gênero e sexualidade normativos, e porque os acontecimentos que essa expõe estão apoiados numa percepção

¹² Trata-se do dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pornografia> Acesso em: 19.02.2015.

¹³ BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. rev. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

¹⁴ “O domínio xxx surgiu da necessidade de reconhecer e divulgar a indústria global do entretenimento adulto e deve ser visto como uma marca reconhecida em termos globais”. Disponível em: <https://www.dominios.pt/domain/domain-types.aspx> Acesso em: 24.02.2015



de realismo, de veracidade, que se faz possível pelos discursos com valor de verdade que a produzem e “por intermédio da exposição pormenorizada dos corpos e das práticas” (BENITEZ, 2009, p. 142). Essa qualidade é atingida através de alguns recursos, sobre os quais dissertamos a seguir.

Maria Benitez (2009), em seu estudo sobre o mercado pornográfico brasileiro, percebe ser recorrente nas falas de diretores que, para o filme ser considerado bom (e nesse caso o bom está diretamente relacionado à sensação de veracidade), as atrizes e atores têm que gostar de sexo. Até aqui a recomendação é para quaisquer gêneros e papéis na performance sexual. Contudo, as recomendações e expectativas mudam conforme a atuação das atrizes e dos atores. No caso da pornografia convencional, em que uma pessoa será a passiva, isto é, a penetrada, e a outra será a ativa – a que penetra –, da primeira é exigido que aparente de forma correta a excitação, enquanto à segunda é delegada a dominação de seu prazer (BENITEZ, *ibidem*). Essas instruções do lugar de ativo são, obviamente, para pessoas que possuem pênis, os homens na pornografia convencional, que precisam manter sua genitália ereta e evitar a ejaculação antes do tempo.

Assim, a prática sexual desempenhada no produto pornográfico busca corresponder ao que se entende por sexo na cultura em que ele está sendo desenvolvido. Nuno Abreu (2012) traz algumas diferenciações existentes entre filmes pornográficos. Seu foco de análise encontra-se naqueles considerados *hard core* que, segundo o autor, são reconhecíveis por duas características principais: o *close* nas genitálias em ação sexual e a exposição da ejaculação masculina¹⁵ para a câmera. O gozo do pênis, nesse caso, é o que finaliza o ato sexual, complementa o autor, além de certificar que o ato ali explícito realmente aconteceu. De todas as imagens de sexo encontradas nos *tumblrs*, nenhuma trazia a imagem do homem ou do pênis. Mulheres se masturbando, fazendo/recebendo sexo oral, utilizando as mãos e partes do corpo como a própria vulva para dar prazer umas às outras foram o conteúdo mais expressivo.

Abreu (2012) classifica como próprio do pornográfico a separação, o corte, a decupagem de corpos. Essa é uma característica bastante presente nas imagens analisadas. Alguns exemplos¹⁶:

¹⁵ Neste contexto o autor recorre à concepção social de masculino e feminino, a partir do viés biologicista. Os filmes dos quais ele fala são voltados para o público cisgênero heterossexual.

¹⁶ Na figura 2 optamos em colocar uma tarja para não identificar o rosto da mulher, uma vez que não foi possível saber a origem da foto postada. Levando em conta que ela pode ter sido produzida e utilizada em uma situação de *sexting*, achamos por bem utilizar este recurso.





Figura 1

Fonte: <http://lovee-fuck-you.tumblr.com/>



Figura 2 GIF

Fonte: <http://lovee-fuck-you.tumblr.com/>

Para o referido autor, esse processo retira a integridade física e social dos corpos. Complementa:

Ao abstrair-se dos fatos reais e das trocas simbólicas entre as pessoas, a sexualidade pela ótica pornográfica "seria estranhamente semelhante à metafísica. Ela imagina um universo composto de partes genitais, de pedaços de corpos, de peles que se roçam, se atraem, desfrutando-se com verossimilhança, mais uma matéria abstrata sem outra função que o êxito da eficiência sexual" (CHABOT *apud* ABREU, 2012:23).

É possível perceber que, na decupagem, a tal eficiência sexual não aparece como a única função. Nesse processo percebido por Abreu como a retirada da integridade física e social dos corpos, o sexo acaba produzido como impulso "natural". O recurso joga com a dicotomia corpo/alma e expõe uma espécie de mecanicismo do sexo. A parte física, negada o rosto, permanece destituída de moralidade. Susan Sontag busca, na cultura judaico-cristã ocidental, certos sentidos para o rosto e sua relação com o corpo, percebendo uma frequente separação desses:

Essa separação é um dos principais elementos de uma das tradições iconográficas fundamentais da Europa – a representação do martírio cristão, com um abismo surpreendente entre o que é expresso pelo rosto e o que está acontecendo com o corpo. As incontáveis imagens de São Sebastião, Santa Ágata, São Lourenço (mas não a do próprio Cristo), em que o rosto demonstra sua superioridade tranquila em relação às atrocidades sofridas pela parte inferior – lá embaixo, a ruína do corpo; no alto, a pessoa encarnada no rosto, geralmente voltado pra cima, sem exprimir nem dor nem medo; pois a pessoa já não está mais lá. (Só Cristo, ao mesmo tempo Filho do Homem e Filho de Deus, manifesta sofrimento no rosto: ele sofre sua Paixão). O próprio conceito de pessoa, de dignidade,



depende da separação entre o rosto e o corpo, da possibilidade de que o rosto esteja isento – ou ele próprio se isente – do que está acontecendo com o corpo (SONTAG, 2007:109).

Assim, em tal dinâmica, sexo é produzido, no limite, como incontrolável. Destituído do rosto, portanto de alma e, conseqüentemente, de valor moral, o sexo ganha respaldo para se naturalizar enquanto impulso sexual. Contudo, como efeito de discursos, ao sexo são impostos inúmeros limites. Esse processo de decupagem faz emergir outras possibilidades para a expressão do prazer no ato sexual exposto nas imagens. Antes de discorrer sobre isso, no entanto, cabe o questionamento: como se constitui o sexo? Como o sexo é produzido enquanto tal?

O sexo tem limites que são reconhecíveis, pois é a partir desses que conseguimos distinguir o que é o sexo e o que não é. Nesse processo, ele organiza lugares, cria expectativas e produz a ordem das coisas, assim como lugares de gênero e sexualidade. O sexo reprodutivo heterossexual, por exemplo, manteve e ainda mantém essa ordem, encontrando na “natureza” a base para sua existência e consistência. No entanto, a própria relação entre reprodução e prazer sexual pode ser questionada. Acionar os limites do sexo a partir dos limites da reprodução é arbitrário, uma estrutura social produto das tecnologias que regulam o sexo e o constituem dentro de uma lógica (re)produtiva. Como observa Preciado (2002:20) em seu *Manifesto contra-sexual*:

A contra-sexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo são os produtos retrospectivos de certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização da totalidade do corpo (tradução nossa).¹⁷

Assim, definidas e produzidas zonas erógenas em corpos também produzidos discursivamente como femininos e masculinos, delimitado onde e como se está autorizado a sentir prazer sem exceder os limites de gênero, e, também, da heterossexualidade, naturalizam-se as práticas sexuais, o sexo, o gênero, a sexualidade.

Entendendo, portanto, a prática sexual como uma construção histórica que (ainda) produz e ordena lugares de feminino e masculino, voltamos nosso olhar para as imagens “1” e “2”. Nelas, o corte é definitivo, sendo que em “2” a presença de uma das pessoas se dá apenas pela sua genitália. É interessante perceber que, mesmo sem a ejaculação do pênis – definido por Abreu

¹⁷ La contra-sexualidad afirma que el deseo, la excitación sexual y el orgasmo no son sino los productos retrospectivos de cierta tecnología sexual que identifica los órganos reproductivos como órganos sexuales, en detrimento de una sexualización de la totalidad del cuerpo.



(2012) como aquilo que traz veracidade ao ato sexual dos filmes pornográficos –, o sexo se faz presente (e real) nessas imagens. Como, então, constitui-se esse sexo?

Primeiramente, é importante pontuar que, se o homem cisgênero existiu em algum momento, foi retirado, excluído. Nesse processo, a relação sexual entre duas mulheres ganha destaque e é deslocada de um lugar de “preparação” para o sexo heterossexual, considerado o ato principal na lógica heteronormativa. A imagem começa e termina em si, limitando a possibilidade de se pensar em um terceiro elemento presente no momento do sexo.

Se na imagem “2” prontamente classificamos o ato como sexo oral, porque compartilhamos de um repertório de discursos sobre como se dá o sexo que nos permite percebê-lo como tal, a imagem “1” talvez produza dúvidas a respeito do tipo de sexo que acontece ali. Isso porque nela estão duas mulheres em uma “posição modelo” do sexo heterossexual com penetração, e ali nada indica que há uma penetração acontecendo. Para refletir sobre o que pode produzir tal imagem, importa trazer à tona o conceito de performatividade, com base em Butler (2007). Segundo a autora, a materialização dos corpos se dá a partir de um ideal de sexo – e acrescentamos, de gênero e de sexualidade –, tornando-os viáveis e inteligíveis em termos sociais. A performatividade diz respeito à produção de efeitos a partir de determinados discursos que concernem o corpo que, de forma citacional e reiterativa, viabilizam (ou não) a leitura deste (Ibidem). Em tal processo de materialização dos corpos, “o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações” (BUTLER, 2007:155). Entretanto, importa ressaltar que tais discursos estão em processo de reconstituição, pois fazem parte de uma dinâmica do poder¹⁸ em que estão em jogo saberes e verdades de um tempo e de um contexto.

Ao assumirmos que a prática sexual foi construída discursivamente, como o gênero e a sexualidade, e que sua materialidade se dá por meio da performatividade que guia os corpos dentro dos limites do sexo, constituindo-os não apenas linguisticamente, mas corporalmente, isto é, moldando e produzindo o que pode, o que não pode, e como esses corpos devem agir/sentir/fazer o sexo, a prática sexual expressa em “1” pode ter seu estatuto de sexo questionado. Nesse sentido, Preciado (2002:22) denuncia que boa parte do corpo não tem

¹⁸ Assim como Butler, assumimos o conceito de poder a partir dos escritos de Foucault, como uma instância positiva porque produz, organiza. Para além da hipótese repressiva, Foucault visualizará o poder como uma rede, retirando seu caráter de instituição e percebendo-o a partir de relações. Dessa forma, todos os indivíduos livres podem exercer poder, independentemente do lugar social que ocupam. Para mais especificações sobre poder em Foucault, indico Edgardo Castro (2009).



significado no ato sexual. Essa prática apenas ganha legitimidade a partir de uma diferenciação sexual entre as pessoas engajadas no ato. Portanto:

Esta operação é estrutural, e os benefícios sexuais, que os homens e mulheres heterossexuais extraem dela, obrigam a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como único centro mecânico de produção do impulso sexual (tradução nossa)¹⁹.

Apesar disso, o caráter explícito (pornográfico) e sexual da imagem se faz presente. Que sexo é este que duas vulvas podem fazer? Ao estarem despidas e unirem os corpos em uma posição sexual heteronormativa, algo acontece. A união das duas vulvas e dos dois corpos feminizados, nesse contexto, desperta uma possibilidade. Butler (2003) nomeará “performatividade *queer*” a força política do ato de descontextualizar um insulto – que compõe um enunciado performático – e da inversão das posições hegemônicas de enunciação que essa descontextualização provoca. Foi assim que os estudos *queer* decidiram tomar para si esse termo utilizado para subjugar e ofender homossexuais e transgêneros. Na esteira do pensamento da autora, destacamos a força política do ato sexual da imagem “1”, que se utiliza de uma série de significantes do sexo heteronormativo para então expor uma outra possibilidade e desestabilizar o repertório do sexo. Esse processo de ressignificação só é possível porque o sexo heterossexual se constitui a partir de uma performatividade de gênero e sexualidade que, apesar de legítima em termos discursivos, produz brechas, fissuras, pois os corpos dela também escapam, e nisto expõem seu caráter construído. Assim, valendo-se da performatividade que produz o ato sexual, se dá a possibilidade de existência de um sexo em que duas vulvas tomam o lugar designado historicamente a uma vulva e um pênis. Tal existência subverte o prazer produzido pela lógica heteronormativa nos corpos com vulva, retirando o foco da penetração (da vagina) e colocando no clitóris (vulva). Se existe a possibilidade dessa imagem ter sido uma espécie de preliminar sexual em algum produto midiático, ali no *tumblr*, contudo, ela é seu início e seu fim, e assim acaba constituindo o sexo que nas páginas toma forma.

Portanto, duas vulvas fazem sexo em “lovee-fuck-you”. Ao fazer, (re)produzem, porque o sexo só existe enquanto produto de discursos, verdades, histórias. Ao excluir o pênis, esse sexo movimenta o sexo, faz pensar sobre o que ele é, como se faz, e acaba por expor o ato sexual enquanto construção. Quem nega o estatuto de sexo a essa prática deixa explícito que o sexo é

¹⁹ Esta explotación es estructural, y los beneficios sexuales, que los hombres y las mujeres heterossexuales extraen de ella, obligan a reducir la superficie erótica a los órganos sexuales reproductivos y a privilegiar el pene como único centro mecánico de producción del impulso sexual.



limite. Antes de natural, impulso do corpo incontrolável, expõe que o sexo é racional. Seja rechaçado, seja admitido, o sexo de “1” desestabiliza e pode incitar quem especta a pensar: mas, afinal, como se faz (o) sexo?

3.2 Vulva, autoerotismo e sexo

Se a vagina e a vulva têm seu estatuto de órgão sexual, cabe refletir sobre elas. Nas imagens compartilhadas por “lovee-fuck-you”, a vulva se mostra, a vulva se toca:



Figura 3

Fonte: <http://lovee-fuck-you.tumblr.com>



Figura 4

Fonte: <http://lovee-fuck-you.tumblr.com>

Muitas são as imagens em que mulheres aparecem de alguma forma tendo controle sobre seu corpo, seja ao tirar a roupa, seja ao tocar-se. As práticas de autoerotismo carregam potencial para se pensar não apenas nos deslocamentos do prazer no sexo, mas na apropriação por parte dessas mulheres do próprio corpo enquanto dotado de vulva e feminizado, como elas usufruem de si mesmas sexualmente.

O corpo nascido com vulva, ovários e outras características produtoras do feminino foi por muito tempo considerado um corpo mítico. Causador de fascínio, despertou a curiosidade dos homens, inicialmente detentores e monopolizadores da ciência, o que possibilitou o surgimento das mais variadas teorias a respeito dessa anatomia “estranha” e muitas vezes proibida a eles. No que se refere especificamente às mulheres e ao sexo, tal “conhecimento” produziu uma série de



classificações: a solteirona, vista por sua suposta incapacidade de arranjar um homem, seja pela sua aparência, seja pelo seu jeito; a frígida como aquela que não gosta de sexo; a ninfomaníaca, que gosta demais, etc. Desse modo, os limites da prática sexual se impõem e estreitam as possibilidades de trânsito do sexo e da sexualidade desses corpos.

Preciado (2002) faz uma espécie de genealogia da produção do orgasmo feminino, em que percebe a prática do autoerotismo como chave nesse processo. Isso porque, voltando seu olhar para o século XVIII, expõe uma série de mecanismos e instrumentos técnicos que vão gerir – ou melhor, impedir – a relação entre a mão e os órgãos genitais, regulando as possibilidades inquietantes que a mão que o indivíduo utiliza para explorar seu corpo e proporcionar prazer para si mesmo trará à tona. Nesse período, até o século XX, a masturbação será considerada prática produtora de enfermidades e, sob a ótica da medicina, condenada. Assim, o ato de dar prazer a si mesma/o com as mãos passou a ser percebido como abuso de si, que conduzirá o indivíduo a uma decadência “moral e física” (ibidem: 81, tradução nossa).

Em 1760, por meio de uma publicação do médico suíço Samuel Auguste Tissot, o porquê do autoerotismo ser condenado torna-se explícito, sendo colocado ao lado de quaisquer práticas sexuais que não tenham como objetivo a procriação – adiciona-se à lista o sexo anal, práticas não vaginais/penetrativas, como a estimulação do clitóris e, certamente, o sexo homossexual. A justificativa: suposto desperdício de energia corporal percebido em tais práticas, que poderá levar o indivíduo, inclusive, à morte. Nessa perspectiva, o autoerotismo não se dá como doença, mas como efeito de enfermidades, como a epilepsia, a loucura e a estupidez (ibidem).

Assim, trabalho, sexo e sexualidade acabam por pertencer a uma lógica em que o fim será sempre a (re)produção. O sexo heteronormativo tem seu estatuto de sexo garantido e celebrado porque em teoria é capaz de reproduzir, e tal sistema tem, na mão masturbadora, uma ameaça à sua hegemonia. Portanto, reprimi-la será preciso. Preciado (2002:83) complexifica a questão:

Note-se que estas tecnologias de sexo e gênero não existem em isolamento ou especificamente, sem ser parte de uma biopolítica mais ampla, que inclui tecnologias coloniais de produção do corpo-europeu-heterossexual-branco. Assim, o novo corpo masturbador, ameaçado por uma contaminação interna aos seus próprios limites, opera também como uma metáfora fisiológica dos novos estados modernos em pleno período de expansão colonial. A pele, submetida, assim como a fronteira, a um processo imunológico de auto-proteção e auto-demarkação, torna-se a superfície de registro das novas estratégias de formação de estados soberanos europeus. A



mesma economia de regulação energética protege o corpo e o estado-nação de "deploráveis manobras solitárias" que poderiam tornar-se um perigo para sua segurança e sua reprodução. Por exemplo, na França, durante o século XIX, os movimentos anti-masturbatórios e higienistas interpretaram a masturbação não apenas como um problema de "morbidade individual", mas também como uma forma de patologia social, representando ao(a) masturbador(a) como um(a) "agente contaminador(a)" no conjunto do corpo social que ameaça a sobrevivência da raça branca nativa (tradução nossa).²⁰

Nesse contexto, as práticas domésticas serão produzidas por meio de técnicas e instrumentos tecnológicos, constituindo a vida ordinária, e também seu âmbito sexual. Cinturões anti-masturbatórios entrarão em cena, assim como práticas mais extremas, como a queima da parte interna das nádegas que ficam próximas ao órgão sexual e, raramente, a clitoridectomia. Posteriormente, com a comercialização das pilhas e baterias, os cinturões serão eletrificados (PRECIADO, 2002).

Refletir sobre o autoerotismo feminino possibilita ampliar a discussão para dois assuntos polêmicos: prazer e orgasmo. Enquanto as práticas masturbatórias eram controladas e medicalizadas, o orgasmo da vulva – que na época será sinônimo de orgasmo feminino, herança que ainda carregamos –, se constituirá nos consultórios médicos como uma das possíveis curas para a histeria, uma das “doenças” femininas da época. Nessa perspectiva, a histeria se dará como uma espécie de indiferença ao coito heterossexual, podendo chegar ao "lesbianismo"²¹. Preciado (ibidem) cita Nicolaus Fontanus que, em 1960, percebeu uma relação entre a histeria e a ejaculação da vulva, entendendo a segunda como consequência da primeira. Assim, o próprio estatuto feminino do corpo dotado de vulva corria perigo, devido à semelhança que aproximava a performance da vulva da performance do pênis ao ejacular. Mais uma vez a relação entre histeria e lesbianidade se dá e, paradoxalmente, a cura para essa doença (a histeria), realizada nos aparelhos vibradores que proporcionavam à mulher o orgasmo, poderia induzi-la também ao “lesbianismo”, segundo o autor.

²⁰ Es preciso señalar que estas tecnologías del sexo y del género no existen aisladamente o de manera específica, sin formar parte de una biopolítica más amplia, que reúne tecnologías coloniales de producción del cuerpo-europeo-heterossexual-blanco. De este modo, el nuevo cuerpo masturbador, amenazado por una contaminación interna a sus propios límites, opera también como una metáfora fisiológica de los nuevos estatales modernos en pleno período de expansión colonial. La piel, sometida, del mismo modo que la frontera, a un proceso inmunológico de auto-protección y auto-demarcación, se convierte en la superficie de registro de las nuevas estrategias de formación de los estados soberanos europeos. La misma economía de regulación energética protege al cuerpo y al estado-nación de “deplorables maniobras solitarias” que podrían convertirse en un peligro para su seguridad y su reproducción. Así, por ejemplo, en Francia, durante el siglo XIX los movimientos anti-onanistas e higienistas interpretarán la masturbación no solo como un problema de “morbosidad individual”, sino también como una forma de patología social, representando al masturbador como un “agente contaminador” en el conjunto del cuerpo social que amenaza la supervivencia de la raza blanca autóctona.

²¹ Quando percebida como doença, a lesbianidade foi chamada “lesbianismo”.



Tal indução denunciada pelo autor emergia porque o procedimento de “cura” da histeria não focava no ato penetrativo. O vibrador utilizado estimulava o clitóris e se provava um método efetivo no alcance do prazer da vulva, mais do que o sexo heteronormativo e reprodutivo. Na imagem “3”, a manipulação do clitóris se dá no ato masturbatório. De todas as imagens dos *tumblrs* voltadas para o autoerotismo, quando possível discriminar a que partes da vulva a mão alcança, em nenhuma a penetração acontece. Em um documentário francês e americano chamado *Clitóris, o prazer proibido* (2004), especialistas da medicina e sexólogas discutem as (re)descobertas do órgão, que tem como única função proporcionar prazer. As semelhanças entre ele e o pênis²² são evidenciadas – ambos crescem ao se excitarem, ambos podem ejacular, têm um certo comprimento – mas a falta de informação sobre o clitóris é latente nas mais variadas fontes que tratam dos órgãos sexuais, pois esses privilegiam a constituição da vagina enquanto órgão reprodutor.

Por estar dissociado da prática reprodutiva, o clitóris foi rechaçado e/ou invisibilizado nas ciências da saúde, assim como na sociedade. O documentário também denuncia a prática da clitoridectomia realizada em bebês de genitália ambígua cujo clitóris era percebido como “avantajado”. Feminizar o corpo capaz de reproduzir porque dotado de ovários e útero não será apenas uma operação discursiva, mas cirúrgica (PRECIADO, 2002).

O clitóris enquanto órgão de prazer potencializa a inteligibilidade das práticas sexuais mostradas anteriormente, em que a fricção das genitálias era o foco. O canal vaginal, tão importante e prescritivo na cirurgia de “ajuste” do sexo no corpo intersexual “feminino” e no corpo transgênero, porque não produz só o órgão, mas prescreve a prática sexual penetrativa como ideal naquele corpo, é inutilizado em boa parte das imagens de/sobre sexo compartilhadas no *tumblr* citado. A ênfase está na vulva, ela vai dar/receber prazer e, dessa forma, vai expor que, antes de ser “falta de”, ausência, “buraco”, ela vai ser presença, volume, e, também, produtora de prazer.

4. Considerações finais

Neste artigo apresentamos parte das reflexões e problematizações resultantes de uma pesquisa sobre lesbianidades no *tumblr*. Tendo como problema a constituição da referida sexualidade na plataforma selecionada, e a partir dos discursos emergentes das imagens

²² Uma das informações que o documentário traz e que ajudam a deslegitimar a crença de que o homem ao excitar-se perde o controle de si porque o sangue está concentrado em seu órgão sexual é a de que também o sangue acaba por concentrar-se no clitóris e nos lábios internos da vulva, tornando o clitóris ereto e inchado.



compartilhadas pelo *tumblr* "*lovee-fuck-you*", foi possível discutir o âmbito do sexo e sua intersecção com corpo, gênero e sexualidade.

As reflexões sobre o sexo e como ele se constitui em "*lovee-fuck-you*" deslocaram a ênfase do coito como relação sexual. Quando observamos a lógica heteronormativa que ainda rege as práticas sexuais e impõe os limites entre o que é sexo e o que não é – como, por exemplo, o sexo oral que não vai ser considerado sexo, por mais que carregue em seu nome o termo, ou vai ser considerado menos que o coito – não podemos deixar de contrapor com o cenário atual em que uma série de mecanismos de controle e impedimento da reprodução foram criados e são massivamente utilizados. O sexo reprodutivo rege a norma, mas certamente podemos dizer que seu objetivo quase nunca foi ou vai ser a reprodução. Preciado (2002) denuncia que o sistema sexo/gênero permanece em grande medida estável, por mais que os estudos *queer* e feministas tenham exposto seu caráter construído e, portanto, mutável. O sexo, nesse processo, acaba quase como que o último resquício de natureza do corpo, tão efetivas que são as tecnologias que constroem e produzem o corpo. Assim, resta o questionamento: por que ainda o temos (o sexo reprodutivo, o sexo impresso no indivíduo) como referência para poder classificar o que é – e o que não é – sexo?

Em "*lovee-fuck-you*", o sexo penetrativo e heteronormativo é que acaba praticamente invisibilizado, forçado às margens. O ato sexual constituído nas imagens escapa de uma performance masculina, daquele "outro" que constitui o sexo heterossexual, seja pela inexistência do homem, seja pela performance e performatividade dos corpos. Nesse processo, fronteiras de gênero e de sexo (enquanto prática e enquanto constituidor de algo biológico) foram ultrapassadas, produzindo algo para além daquilo que a lógica heteronormativa pode dar conta.

Com base nas análises empreendidas, o ato sexual em "*lovee-fuck-you*" se deu não apenas como lésbico, mas, sobretudo, feminino. Não porque os corpos investidos ali eram anatomicamente ou biologicamente femininos - assumir isto seria naturalizar o gênero -, mas porque foram produzidos a partir de uma performatividade de gênero feminino, e foi a partir dessa que, por vezes, fizeram ruir tais normas. Concomitantemente, quando desconstruiu o ato sexual heteronormativo, tal sexo fez emergir possibilidades de gênero para além de um ideal de feminilidade. O gênero, enquanto performatividade, superou as possibilidades do feminino, correndo o risco de perder, inclusive, esse estatuto, porque engajado em um sexo que não é "normal", é lésbico. Trabalhou, ainda, em uma lógica dicotômica, mas foi nos termos dessa que a superou, expondo sua precariedade.



Assim, em tal *tumblr*, para além de gênero feminino e do sexo lésbico, provocamos: o gênero é lésbico, pois produz algo para além da feminilidade, para além do que produz o gênero feminino, mas que só é lésbico para poder subverter a própria noção de gênero, no qual consequentemente está imbricado. Concomitantemente, o sexo é feminino, mas aqui não falamos de genitálias, falamos de ato sexual, de autoerotismo, de prazer, e mesmo esse só consideramos feminino porque subverte boa parte do que é considerado próprio ao gênero feminino no ato sexual, inclusive o que é próprio à vulva. Sexo, feminilidade, (homo)sexualidade e corporeidade, aqui combinadas, interseccionadas, extrapolando seus próprios limites, formando um embaraço, um desafio à própria linguagem.

Referências

- ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. São Paulo: Alameda, 2012, 2 ed.
- BENÍTEZ, María Elvira Díaz. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- BRITZMAN, Debora. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, vol. 21(1), jan./jul. 1996.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Helena Bonito C. Pereira e Rena Signer (rev. e atual.). São Paulo: FTD: LISA, 1996.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) Tomaz Tadeu Silva (trad.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.153-172.
- _____. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003 (2013).
- _____. *Lenguaje, poder e identidad*. (Javier Sáez e Beatriz Preciado, tradução castelhana). Madrid, Editorial Síntesis, 2004.
- Clitóris: o prazer proibido* (documentário). França, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wmcu2mYZdRY> Acesso em: 26.03.2015.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Apontamentos sobre a cultura visual. In: *Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação: a poética na docência*, 19, 2005. Maria Isabel Petry Kehrwald, Eluza Silveira (Org). Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2005, 180p.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*. v.28, n.1, p.151-162. São Paulo: jan/jun 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque (Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Revisão técnica: Jussara Hoffmann e Susana Rangel Vieira da Cunha; tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.



- HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) Tomaz Tadeu Silva (trad.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.113-124.
- LOURO, Guacira Lopes. *Conhecer, pesquisar, escrever...* Texto apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2004.
- _____, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Proposições*. V. 19, n.2(56), maio/ago. 2008.
- MIRZOEFF, Nicholas. The subject of visual culture. In: *The visual culture reader*. New York: Routledge, 2002, 2 ed.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- _____. *Testo yonqui*. Espanha: Espasa Calpe S.A., 2008.
- ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage publications, 2007.
- SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS como metáfora*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2007.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) Tomaz Tadeu Silva (trad.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.35-82.

